

KAKUTOU, O MOMENTO DA VERDADE

Um aspecto que realça no momento em que se dá início à fase de trabalho designada por kakutou, treino livre, e que no kendo tem afinidades com o kakari geiko e gi geiko, é que todas as formas de katas ou gatas, são relegadas para as "urtigas". Tudo é possível e a técnica torna-se "feia, porca e má", em sentido figurado porque há o cuidado de não chegar a vias de facto.

A necessidade de improvisação, e uma análise rápida do momento e das características dos oponentes, torna-se o aspecto predominante, e o trabalho de estudo do aluno é aí colocado à prova. A técnica e a habilidade inata do praticante são provadas em momentos únicos que tentam dar realismo ao momento para que a arte marcial ou disciplina associada foi criada.

Pequenos acidentes são quase inevitáveis mas nenhum dos praticantes tem a intenção de magoar, por isso as "desculpas" são omissas. No final cortesmente é necessário tentar junto do outro se há algo que possamos fazer para minimizar aquilo que o momento provocou e que acidentalmente provocamos.

- *Perdão pela entrada mais dura... Posso ajudar? Obrigado por ter praticado comigo* (é uma frase que ficará bem a qualquer um deles). É na etiqueta, mais que na forma técnica, que se vê a evolução do praticante (kenshi).

Em um dos vídeos de treino realizados recentemente e que se efectuou em Monsanto tive a grata oportunidade de ver um dos alunos efectuar um movimento que é frequentemente pouco usado. A técnica envolvia a prática de um contra dois. O que queria realçar aqui foi o constante movimento do aluno colocando-se sempre através de deslocações rápidas em posições que lhe dava a vantagem e não se centrando em um dos opositores mas sempre agindo contra um ou contra o outro. É primordial esta capacidade de deslocação a fim de não permitir aos opositores terem capacidade de definirem acções. Colocamos o opositor onde queremos e não somos manipulados... "manipulamos" ou enquadrámos os oponentes tal como num jogo de xadrez.

Vou aqui abordar um aspecto técnico relacionado com estas questões e que são o objecto de estudo tanto no contexto da análise estratégica (Heiho) como do Haragei.

Qualquer um que se defronte num combate com múltiplos oponentes tem de ter a consciência que deverá gerir a sua energia de forma a "partilhar" com cada um dos outros, ou seja... se tenho 10 unidades de energia e estou com três oponentes, cada um deles terá, teoricamente, de ser alvo de 3,33 unidades dessa energia, se bem que as coisas sejam mais complexas que isso pois de início a energia despendida é sempre menor e aumenta à medida que o cansaço vai aumentando. Mas fiquemos pela visão mais simplista...

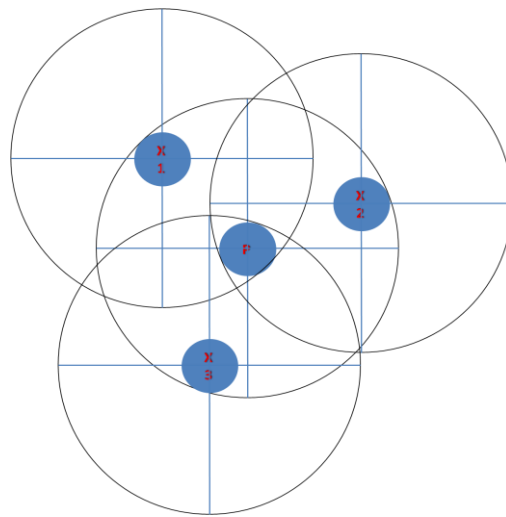


imagem i

Observado a imagem i) temos o praticante (P) rodeado de três oponentes (X1, X2, X3) que ao posicionar-se num triângulo vão criar um espaço em que o praticante se vê com a necessidade de interagir com a intercessão de 10 unidades de energia (U) x 3 sendo que a convergência dessas unidades não são a soma das três mas mais que isso. Claramente que o praticante está numa situação de grande inferioridade numérica e energética, principalmente se os oponentes tiverem um nível técnico, no mínimo mediano. O que fazer?

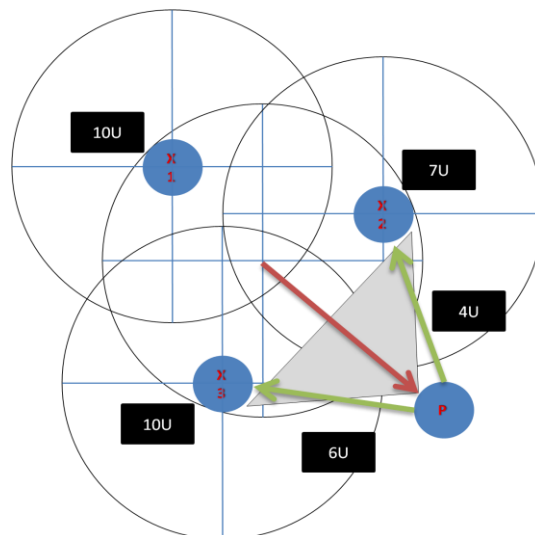


imagem ii



Na imagem ii) vemos que o praticante desloca-se da forma a sair do centro de convergência da energia dos opositores de forma a passar para a periferia e assim colocar-se frente a frente com todos os oponentes, sendo que os mais próximos serão X2 (o mais fraco – 7 U) e X3 (10 U). A sua área de acção centrasse nesses dois opositores e deixou de se preocupar com as costas diminuindo assim a vantagem posicional dos outros, distribuindo a sua energia mais equitativamente pois a posição inicial obrigava a gerir a sua atenção em círculo e o centro da atenção de um ponto para outro sendo que o oponente nas costas era uma preocupação primordial (4U+3U+3U). Agora é (4U+6U). Qualquer movimentação para a posição oposta aos oponentes obriga a contar só com dois dos oponentes neutralizando um dos oponentes.

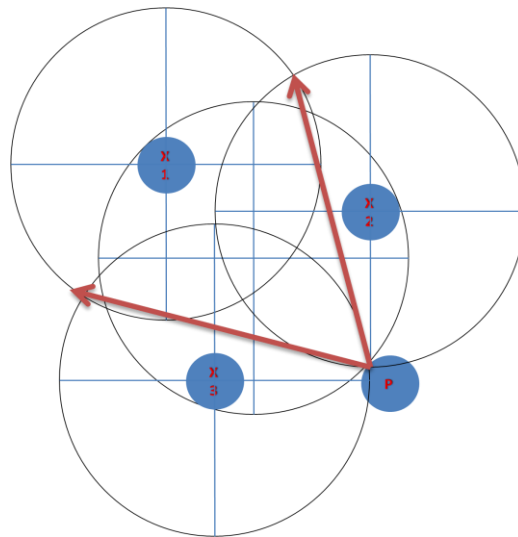


imagem iii

Estes movimentos rápidos são fundamentais (figura iii). É no entanto fundamental que a análise que se faz de quem está envolvido seja rápida e se possível realista garantindo que se entende onde estará o elo fraco (se houver) do grupo – X2. Qualquer dos movimentos aqui assinalados pelas setas vermelhas garante que os oponentes, primeiro por X2/X3 e depois através de X2/X1 ou X3/X1, estejam impedidos de usar toda a sua potencia de acção pois tal iria potenciar criar riscos de se ferirem mutuamente, além que o movimento obriga a uma certa proximidade de um deles, X2 ou X3.

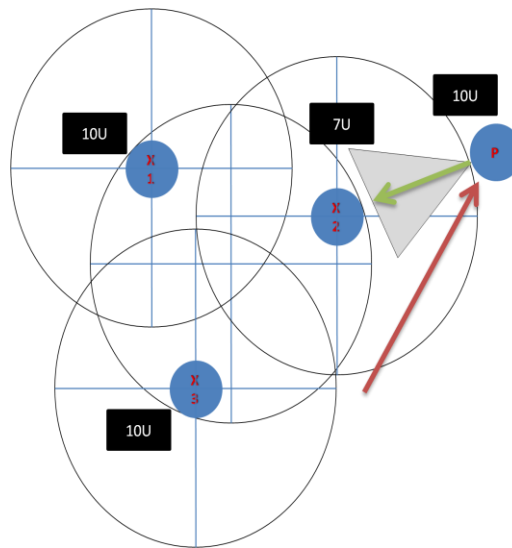


imagem iv

Na figura iv) temos a posição mais interessante pois o praticante neutraliza dois dos oponentes que terão que lidar com o parceiro que inviabiliza (atrapalha) a sua acção dos outros, X1 E X3. Dever-se-á escolher sempre um dos oponentes do exterior e o mais fraco garantindo uma maior proximidade no caso de ele ser o menos experiente, ou elo fraco, e assim impedir a sua mobilidade, dificultando a passagem para uma área útil dos oponentes (X1 e X3) que estão atrás. Garantir esta posição é garantir a possibilidade de vitória pois os oponentes que estão neutralizados ficarão vulneráveis técnica e psicologicamente.

Tudo se resume à necessidade de não ficar fixo aos outros mas há necessidade de reacção que aliás é flagrante. Por exemplo quando um oponente vem para efectuar uma técnica e nós vamos bloquear a arma e ele faz, e volta a fazer, e limitamos a tocar a música que nos impõe. Estar preso à arma do oponente é o primeiro passo para a derrota.

Este tipo de análise e de compreensão da sua aplicabilidade em situações de prática no kakutou são fundamentais para uma acção coerente e eficiente. É a arte da guerra que está em curso e no entanto esta técnica aplica-se em aspectos da nossa vida corrente.